

ANÁLISE DO DISCURSO II

RELAÇÃO ENTRE VERBOS *DICENDI* E DISCURSOS RELATADOS

Cleidiene Novais Ferreira (UFMG)
cleidieneovais@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, foram analisados os usos de alguns verbos *dicendi* em introduções de discursos relatados em textos de estudantes do Ensino Médio. O *corpus* é composto por 25 (vinte e cinco) textos dissertativos sobre três diferentes temas, produzidos por alunos do Ensino Médio da instituição escolar Centro Educacional Rainha da Paz, localizada no município de Teixeira, Minas Gerais. Como são muitos os verbos *dicendi* utilizados ao longo dos 25 textos, foi feito um recorte de verbos e de discursos relatados a serem apresentados neste trabalho. Os verbos *dicendi* tratados aqui são achar e dizer. O *corpus* considerado está em anexo.

O objetivo desta pesquisa consiste em verificar se os pressupostos semânticos que os verbos *dicendi* abarcam são confirmados pelos discursos relatados em textos de estudantes do Ensino Médio. Nos textos que compõem o *corpus*, prevalece o tipo textual argumentativo. A teoria admitida para a análise baseia-se em Ducrot (1975), Charolles (1976), Maingueneau (1997) e Lozano, Marin e Abril (2002). Considerando o que explicitaram estes teóricos, foram analisados os pressupostos abarcados pelos verbos introdutórios do discurso relatado e os modos como estes interfeririam na interpretação da citação. Após esta análise, verificou-se se a interpretação possível da citação, considerados os verbos *dicendi*, favoreceria o conjunto textual ou se haveria incoerência por parte dos autores dos textos ao escolherem tais citações na construção de seus textos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Considerando o que fora explicitado pelos autores Lozano, Marin e Abril (2002), pode-se compreender que o locutor pode intervir no discurso relatado, seja ele o discurso direto ou o indireto. Uma das formas que o locutor pode utilizar para intervir no discurso

relatado é a escolha dos verbos que o introduzem. Maingueneau (1997) faz considerações acerca dos verbos utilizados para introduzir não só o discurso direto, como também o indireto, e afirma que o verbo escolhido pelo “locutor” afeta a interpretação da citação. O autor cita Charolles (1976), o qual nomeia tais verbos como “verbos de comunicação”. Segundo este autor, o verbo dizer seria aparentemente neutro enquanto os outros verbos utilizados para introduzir o discurso relatado apontam diversos pressupostos, dentre os quais: o valor de verdade do enunciado citado, posição cronológica, ponto de vista atribuído ao enunciador face ao que diz ou hierarquia.

Maingueneau (1997) se refere, também, à classificação para os chamados verbos de “opinião” propostas por Ducrot (1975, p. 63). Esta classificação admite que se adotem critérios semânticos, que seriam os sentidos que tais verbos implicariam e aos quais esse autor associou os valores +/- . Esta classificação diz que os verbos podem implicar:

- Critério P: um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência;
- Critério M: uma experiência da própria coisa;
- Critério O: uma predicação original;
- Critério C: uma demonstração de segurança por parte do locutor quanto à opinião expressa;
- Critério R: uma apresentação da opinião do locutor como o produto de uma reflexão.

O quadro abaixo resume os critérios semânticos associados aos verbos e representados por Ducrot (1975).

Quadro 1:

	P	M	O	C	R
Considerar	+	+	+	+	+
Achar, imaginar	+	+	+	-	-
Estimar, julgar, reputar	+	+	-	+	+
Julgar, decidir	+	-	-	+	+
Ter a impressão	+	-	-	-	-
Estar seguro	-	-	-	+	-
Pensar	-	-	-	-	+
Acreditar	-	-	-	-	-

ANÁLISE DO DISCURSO II

O verbo afirmar não é apontado por esses autores. Dessa forma, a análise de seus pressupostos foi feita com base nos critérios apresentados por Maingueneau (1997).

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Quanto aos verbos utilizados para introduzir o DR, o quadro a seguir faz a relação deles com cada proposta, a quantidade de vezes que eles foram utilizados e o tipo de discurso que introduziram:

Quadro 2:

Propostas	1ª Proposta		2ª Proposta		3ª Proposta	
	DD	DI	DD	DI	DD	DI
Achar		2		1		2
Acreditar					1	
Afirmar			1		1	
Apresentar					1	
Citar		1				1
Considerar		1				
Declarar				1		
Defender		1				
Dizer	2	3	6	5	3	3
Falar			1	1		2
Insinuar				1		
Mostrar					1	
Questionar						1
Sugerir						3
Total	2	8	8	9	7	12

Para a análise dos verbos no presente trabalho, foi feito um recorte que dimensiona alguns pressupostos presentes nos verbos. Dessa forma, foram escolhidos dois verbos: achar e dizer. Os critérios utilizados para a escolha destes verbos foram o número de ocorrências do verbo dizer e uma significação de relativa insegurança do locutor presente no verbo achar.

O verbo achar foi utilizado por cinco vezes na introdução do discurso relatado ao longo dos 25 textos que constituem o *corpus*. Este verbo admite pressupostos, podendo implicar um julgamento pessoal do enunciador fundado em uma experiência, uma experiência da própria coisa ou uma predicação original. Analisando os textos em que aparece, conclui-se que o uso do verbo achar por parte do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

aluno denota que o enunciador da citação tem uma opinião ou faz um julgamento pessoal a respeito do tema abordado na dissertação.

Em relação à argumentação das dissertações, o verbo achar foi utilizado para introduzir:

- uma afirmação de terceiros a respeito do tema abordado na dissertação (textos 4, 13 e 22);
- uma afirmação que daria base à argumentação do aluno (textos 4 e 15).

As passagens abaixo foram retiradas dos textos 4 em anexo, da qual pode-se obter a seguinte conclusão:

Muitos acham interessante, pois assim temos um conhecimento maior sobre outras línguas. Através da curiosidade, se vemos uma loja de nome inglês, por exemplo, procuraremos saber o seu significado.

Mas existe também aqueles que acham que a língua portuguesa deve ser valorizada, e se existe uma palavra de outra língua com o significado em Português, porque não usá-la, talvez porque o inglês é mais bonito? Chama mais atenção? (Texto 4)

O autor acha que o ato de melhorar o ensino é justo, facilitando a escrita, reduzindo, abreviando e modificando as palavras. (Texto 15)

Como pode-se perceber, no texto 4 há duas citações utilizadas para introduzir a posição de pessoas em geral que são contra ou a favor do uso do estrangeirismo. O anunciador da citação, segundo o locutor, faria um julgamento pessoal a respeito do tema tratado. O autor do texto articulou essas citações com exemplos e interpelações ao seu alocutário. Ele deixa implícito que a sua resposta é negativa em relação ao uso do estrangeirismo. Neste caso, o enunciador que “acha” não é o locutor, mas um terceiro. Estas citações foram introduzidas no texto 4 como um “pretexto” ou um ponto de partida para o desenvolvimento da argumentação do autor. Assim, o uso do discurso relatado favoreceu a construção da argumentação do texto.

No texto 15, o aluno iniciou sua argumentação expondo a sua opinião em relação à “ortografia brasileira” e à transformação desta. Ele argumentou que a escrita brasileira é complexa, mas defendeu a inviabilidade das modificações e explicou o porquê. Ele introduziu uma citação, na qual incluiu o que pensa o autor do texto-base da proposta 3. O aluno argumentou acerca de tal afirmação, e o que aponta para uma citação também com uma função de “pretexto” para

ANÁLISE DO DISCURSO II

a exposição da opinião do locutor. Porém, este não desenvolveu seu ponto de vista nem chegou a uma conclusão a respeito do tema do texto. O estudante finalizou seu texto com uma dedução confusa e que necessitaria de uma explicação. Neste caso, o discurso relatado foi utilizado a fim de dar base para a conclusão do texto e não contribuiu para um efetivo desenvolvimento da argumentação do locutor.

Quanto à relação dos verbos mais utilizados, dizer é, sem dúvida, o verbo que os alunos mais escolhem para introduzir o discurso relatado. Como explicitarei nos pressupostos teóricos, Charolles (1976) *apud* Maingueneau (1997) considera este verbo como um “verbo de comunicação” aparentemente neutro, ou seja, não apontaria pressupostos. Pode-se entender, com isso, que os alunos utilizam este verbo sem pretensão de interferir no que está sendo citado, e limitam-se a relatar o que disse o enunciador da citação. Através das ocorrências no *corpus*, pode-se perceber um certo valor de verdade como pressuposto semântico deste verbo, uma vez que ao se afirmar que alguém disse algo, presume-se que a afirmação proceda, a menos que haja uma contestação. Em relação à argumentação das dissertações, o verbo dizer foi utilizado com a intenção de introduzir:

- uma afirmação de terceiros a respeito do tema abordado na dissertação (textos 2, 7, 11 e 25);
- uma informação do texto-base (textos 7, 11, 12, 22 e 25)
- uma afirmação que daria base à argumentação do aluno (textos 3, 9, 11 e 21);
- uma informação que complementaria e validaria seu raciocínio (textos 5, 6, 13 e 14);
- uma afirmação que justificaria a opinião do estudante (texto 7);
- uma afirmação que explicaria uma outra afirmação feita pelo aluno (textos 10 e 13);
- uma afirmação que funcionaria como uma citação de autoridade (textos 12 e 13);
- uma afirmação que concluiria o texto (texto 14);
- uma afirmação que exemplificaria o que fora abordado pelo aluno (textos 19, 21 e 25).

Na maioria dos textos em que aparece o verbo *dicendi* dizer, há uma contribuição favorável à construção dos mesmos. Mas foram

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

constatados alguns desvios, o que se pode verificar na análise seguinte. Com relação ao texto 7, pode-se afirmar a respeito do modo como o pressuposto semântico do verbo dizer interfere na interpretação da citação:

O autor iniciou o texto 7 afirmando que a questão das cotas para negros nas universidades é polêmica. Ele, então, introduziu um discurso relatado, em que citou a opinião das pessoas em geral. O estudante discordou quando o enunciador citado afirmou que as cotas têm como objetivo dar mais oportunidades aos negros. Ele argumentou que as cotas por si só já geram separação, e introduziu uma citação para explicar e basear sua argumentação acerca da discriminação gerada pela reserva de vagas. O autor fez, também, uma interpelação, a partir da qual desenvolveu uma argumentação.

O autor argumentou de forma engajada a respeito das falhas do sistema de cotas, e usou outro discurso relatado para justificar sua opinião. Porém, este enunciado retirado do texto-base da proposta 2 não se relacionou com as falhas da política de cotas, mas sim com a sua abrangência e aceitação, o que resultou em uma incoerência. O autor continuou seu texto com a apresentação de um exemplo, e neste havia um discurso indireto que se restringiu à narração de um fato. O estudante não desenvolveu uma explicação do exemplo, o que desfavoreceu sua argumentação.

Em relação ao pressuposto semântico de relativa neutralidade do verbo dizer, na primeira citação, pode-se concluir que a introdução de uma opinião de pessoas em geral serve de base para a argumentação do autor do texto. Então, essa “neutralidade” está relacionada com o que o enunciador, no caso as pessoas em geral, afirma, mas o locutor não é neutro ao utilizar-se do recurso da citação.

Já na segunda citação do texto, o autor do texto não expressou, com o significado da citação, o que ele realmente queria. A citação extraída do texto-base, de autoria de Demétrio Magnoli, pode ser considerada neutra. Porém, na totalidade da argumentação desenvolvida a partir desta citação, houve uma incoerência em relação ao sentido pretendido pelo autor e aquele obtido com a citação.

ANÁLISE DO DISCURSO II

CONCLUSÕES

Após analisar o *corpus*, relacionando os verbos que introduzem a citação e o discurso relatado, considero alguns apontamentos inevitáveis. Como foi constatado, o verbo mais utilizado por eles para introduzir o discurso relatado é o verbo dizer, e este verbo introduziu citações que admitiram as mais diversas funções nos textos. Dessa forma, concluo que a preferência por este verbo para introduzir uma citação pode ser explicada pelo fato de que o autor não se “compromete” com o que está sendo citado. Pode-se admitir, ainda, que o seu uso e a interpretação dos discursos relatados introduzidos por ele contribuiu favoravelmente para a estruturação dos textos.

Através dos verbos utilizados pelos estudantes para introduzir a citação, pode-se entender que o uso destes interfere na interpretação da citação, uma vez que carregam pressupostos que abarcam as citações. Dessa forma, o leitor/ouvinte poderia considerar a citação feita pelo autor presumindo que esta consistisse, por exemplo, numa opinião pessoal acerca do tema abordado (verbo achar), no valor de verdade do enunciado (verbo dizer), na apresentação da opinião do enunciator como o produto de uma reflexão (verbo achar) etc.

Com relação às observações efetuadas acerca da relação entre verbos *dicendi*, discurso relatado e argumentação, concluo que os alunos fazem uso consciente do recurso da citação para argumentarem, pois há um grande número de citações que favoreceram a argumentação de suas dissertações. Porém, ocorreram alguns “desvios” que precisam ser evitados, provavelmente ocasionados devido ao “erro” de interpretação do aluno quanto ao sentido dos enunciados citados. Considero estes “desvios” como ocasionais, porém, possivelmente, podem ser corrigidos através de bons ensinamentos sobre interpretação de textos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAROLLES, M. Exercices sur lês verbes de communications. **In:** *Pratiques*, nº 9, 1976.

DUCROT, Oswald. Je trouve que. **In:** *Sémantikos*, 1975, vol. 1, nº 1, p. 63.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LOZANO, J.; MARIN, C.; ABRIL, G. Análise do discurso: Por uma semiótica da interação textual. São Paulo: *Littera Mundi*, 2002, p. 174-182.

MAINGUENEAU, D. A Heterogeneidade Mostrada. In: —. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 3ª ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1997, p. 75-110.

ANEXOS

**TEMA:
PROTEÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
DA LÍNGUA PORTUGUESA: ESTRANGEIRISMOS**

TEXTO 1:
PROTEÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
DA LÍNGUA PORTUGUESA

O mundo de hoje está totalmente ligado a língua inglesa. Cada vez o inglês, vem dominando a vida pessoal e social das pessoas.

Nas cidades grandes, nas suas principais ruas as palavras estrangeiras estão para todos os lados, como; hot dog, self-service e outros.

Nosso país está perdendo a nacionalidade.

O Governador Aldo Rebelo defende um projeto de lei visando proteger a identidade cultural e da língua portuguesa, ele cita sanções contra estrangeirismo.

Ele está certo, pois a sociedade deve-se preocupar em conservar a cultura.

Nós formamos uma tradição e não devemos deixar que ela se acabe.

TEXTO 2:
O ESTRANGEIRISMO: ACEITAR OU NÃO?

Com a crescente globalização no mundo hoje, há várias “discussões” a respeito de seus pontos positivos e negativos.

Uma questão muito relacionada com a globalização é o suposto “Movimento Nacional de Defesa da língua Portuguesa”, que hoje tem defensores e críticos.

ANÁLISE DO DISCURSO II

Muitas pessoas dizem que o estrangeirismo, está cada vez mais se aperfeiçoando à nossa língua e descaracterizando-a; e outros dizem que o Brasil já seria um avanço, se usasse mais palavras estrangeiras em vez de expressões da nossa língua.

A questão dos defensores e críticos da nossa língua e da língua estrangeira, além de ser muito polêmica, também é muito importante, pois devemos pensar bem, antes de defender qualquer ponto de vista.

Um exemplo hoje, é a extrema valorização do idioma Inglês para o mercado de trabalho. A troca de informações que a globalização oferece, torna as palavras e expressões importadas, cada vez mais dominantes em nosso cotidiano.

Por fim, fica a pensar se o estrangeirismo é uma ameaça ou não para a língua portuguesa, e também não devemos ficar na Xenofobia e com o “medo” de usar a palavra “delivery” no lugar de “entrega”.

TEXTO 3: A CULTURA DA LÍNGUA

Devido a vários fatores, inclusive a globalização, o nosso país vem, cada vez mais, sendo invadido por línguas estrangeiras. Inicialmente, não temos aqui um problema grave, mas talvez isso possa virar uma polêmica, já que o Deputado Aldo Rebelo considera que um projeto de lei vai proibir o uso do estrangeirismo.

Na realidade o problema não é tão sério a tal ponto de ser colocado em discussão no plenário. Porém o deputado diz que uma das formas de dominação de um povo sobre outro é dada pela imposição da língua, e ele não está errado.

Se deixarmos as portas abertas para o estrangeirismo, vamos chegar a tal ponto que trocaremos palavras portuguesas, pelas inglesas, o que deveria ser o contrário.

Se analisarmos bem, um projeto de lei que defenda a língua portuguesa é necessário, pois preservar nossa cultura é deixar o país mais invulnerável à influência de outros, e isso é bom.

Para chegarmos ao ponto ideal, teríamos que incentivar a população à falar o português, para isso seria necessário palestras, movimentos, enfim-coisas que o povo se interessasse e participasse.

Por fim, vemos que não é preciso agir drasticamente, é racional querer defender nossa pátria, no entanto, é conveniente que comecemos pela população, que é a grande formadora dessa cultura.

TEXTO 4:
O USO ECESSIVO DO ESTRANGEIRISMO

Nota-se, cada vez mais o uso de palavras estrangeiras, no nosso dia-a-dia. Está muito comum, estão por toda parte, em lojas, restaurantes, etc. as palavras estrangeiras já estão se tornando familiares. E temos que nos acostumar com elas.

Muitos acham interessante, pois assim temos um conhecimento maior sobre outras línguas. Através da curiosidade, se vemos uma loja de nome inglês, por exemplo, procuraremos saber o seu significado.

Mas existe também aqueles que acham que a língua portuguesa deve ser valorizada, e se existe uma palavra de outra língua com o significado em Português, porque não usá-la, talvez porque o inglês é mais bonito? Chama mais atenção?

Bom, vantagens pode até ter, como, por exemplo, uma loja conhecida no mundo inteiro com o nome em inglês, no Brasil para ser reconhecida, tem que estar em inglês. Mas de chique não tem nada. O mais importante não é o nome e sim a qualidade do produto que está sendo vendido.

TEXTO 5:
ESTRANGEIRISMO NA LINGUAGEM BRASILEIRA

Há vários anos, o povo brasileiro em sua maioria se deixa levar por coisas estrangeiras, talvez pelo fato de achar bonito, diferente; assim, desprezando a cultura do Brasil não dando mais importância. Um desses fatores ou coisas é o estrangeirismo que está se adotando em nosso vocabulário.

Muitas pessoas, às vezes, preferem utilizar em seu dia a dia palavras de maior parte norte-americana, esquecendo do nosso prático e fácil português. Tudo bem, é um direito de cada cidadão; mas essas pessoas esquecem que moram no Brasil e a maioria do nosso povo mal entende o português, imagine então outras línguas.

É preciso que cada um de nós saiba cultivar a sua própria cultura, o seu linguajar mesmo que seja local e coloquial. Devemos “preservar a nossa língua nativa” como diz o deputado federal Aldo Rebelo. Caso contrário o que será que nossos netos, bisnetos estarão falando por aí?

TEXTO 6:
ESTRANGEIRISMO: O IDIOMA MISTO.

“‘Hello’, como vai?”. Até em simples expressões do dia a dia podemos enxergar a forte presença de estrangeirismo. Para nós, tornou-se comum o uso de termos de outros idiomas em nosso português (“surf”,

ANÁLISE DO DISCURSO II

“rock”, “dance”, “delivery”, etc.). Jamais tivemos nossa cultura tão afetada como ela está.

Podemos, com certeza, observar essa “intervenção” como resultado da interação dos países e suas nações. Isso evita o preconceito cultural (xenofobismo) e busca “irmanizar” os povos, levando à ideia de aceitação, não só da cultura alheia em si, mas também da mistura delas. E tudo isso é visto por nós como algo natural, medíocre, despreocupante.

Entretanto, estamos pagando um preço alto por essa situação: descaracterização das normas cultas da língua. Parece que foi inventado um novo dicionário, com vocábulos “deformados” que cederam lugar aos “imigrantes”. E como diz Celso Cunha: “Povo que não forja cultura tem de se conformar à condição de mero usuário de criações alheias”.

Aí está a nossa ridícula posição: a conformidade! É como se os brasileiros nem sequer notasse a mínima diferença da pronúncia, que acarreta aos poucos a subordinação do idioma local. A “interação de nações”, que procurava ser boa, está ultrapassando os limites previstos.

E como evitar as contínuas transformações mantendo o respeito para com as outras culturas? É relativamente, uma solução fácil: defender a língua pátria “portuguesando” os termos estrangeiros. Foi essa a proposta do Dep. Aldo Rebelo, quando criou o “Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa”. É, pois, uma boa solução, por, além de apresentar tal ideia, visar ao primeiro passo: promover a mudança a partir da mentalidade do povo.

TEMA: COTA PARA NEGROS.

TEXTO 7: SOMOS IGUAIS OU NÃO?

Atualmente existe um assunto polêmico sobre a questão de cotas para negros nas universidades. Dizem que é para dar mais oportunidades, pois o negro já foi e ainda é muito discriminado. Mas este ato de separação já os torna diferente das outras pessoas, pois se somos iguais como o Demétrio Magnoli falou: “A genética provou que a espécie humana não se divide em raças” porque eles têm uma quantidade reservada de vagas? Isso é um ato discriminativo.

O pior de tudo é que ainda não funciona, como diz Demétrio: “No Brasil, a política de cotas une negros, e brancos, esquerda e direita”. Como no caso dos irmãos univitelino que se inscreveram no vestibular da UNB e declararam ser negros. Um passou pela seleção o outro não.

A cota também não só ajuda as pessoas negras que têm boas condições, que tiveram oportunidade de estudar para chegar ao ponto de fazer

um vestibular, e que têm plenas condições de passar sem precisar das cotas. Não ajudando os pobres que realmente precisam de uma oportunidade.

TEXTO 8:
A POLÊMICA DAS COTAS

O princípio de cotas gera muita polêmica. Afinal, se é um benefício para os negros, porque é tão questionada?

A resposta é muito simples. Demétrio Magnoli, doutor da USP, afirmou: “Sua dinâmica é a da negação da igualdade política dos cidadãos”. Os brancos e negros deixam de competir de igual para igual. A existência de cotas é uma prova de que se duvida da capacidade intelectual dos negros.

É claro que há pessoas de classes mais altas que têm acesso a uma educação de base de qualidade maior e isso as beneficia no vestibular. Mas também existem bolsas de estudo, e o nível (muitas vezes baixo) do ensino público é responsabilidade do governo. É melhor investir no ensino gratuito que criar cotas. Não é a cor da pele que caracteriza uma pessoa como mais capacitada ou não.

Todas as pessoas são iguais, e devem ser tratadas assim. Se a “dívida com os negros” fosse transmitida de geração a geração e existisse hoje, a melhor forma de pagá-la seria permitindo que brancos e negros fossem iguais em todos os sentidos, acabando com essa discriminação absurda.

TEXTO 9:
DESIGUALDADE ENTRE CIDADÃOS

Discute-se, na atualidade, o concedimento de cotas para negros na administração pública e nas universidades.

O Brasil é um país extremamente racista, os próprios brasileiros dividiram a espécie humana em raças. Nós somos de uma mesma etnia, no entanto, a ignorância de grande parte da sociedade faz com que sejamos “diferentes”.

A criação de cotas é um absurdo. Somos iguais e temos as mesmas capacidades. Um negro e um branco podem disputar uma vaga em uma universidade de maneira semelhante.

No texto de Demétrio Magnoli há uma frase dita pelos partidos pioneiros das cotas, nela dizem: “conceder empregos públicos ou vagas nas universidades a um punhado de negros custa pouco e faz barulho”. Esta expressão é deprimente e revela a incompetência de nosso governo.

O processo de cotas não deveria existir. A educação do país é que deveria receber melhorias. Com uma boa base escolar, pessoas oriundas

ANÁLISE DO DISCURSO II

de regiões humildes teriam condições de competir de forma igualitária a uma vaga em uma universidade.

TEXTO 10: COTAS UNIVERSITÁRIAS

O autor Demétrio Magnoli fez uma reportagem na revista *Época*, em 10 de maio de 2003, e argumentou sobre as cotas de universidade distribuídas pelo governo para os negros. Como Magnoli, sou contra isso.

Desde muitos anos atrás os negros sofrem, seja com preconceito, discriminação e/ou exclusão social. Por isso para tampar o sol com a peneira, o governo distribuiu essas cotas, porém como diz Demétrio “conceder vagas nas universidades a um punhado de negros, custa pouco e faz barulho”, inclusive em cidades pequenas e pobres.

Contudo, o maior problema de todos não é a cota, mas quem usufrui dela. Apenas a classe média negra tem condições de chegar a um vestibular, pois os pobres não conseguem completar nem ao menos o ensino médio.

Portanto, vemos que se o governo brasileiro não investe na educação básica, na saúde e na sociedade, nada vai mudar para a população pobre, muito menos para os que entram na universidade.

TEXTO 11: A DISCRIMINAÇÃO NO BRASIL

Com as diversas transações no mundo hoje, aumenta-se cada vez mais o número de pessoas deixadas à margem da sociedade, dentre as quais, a maioria são negras.

Cada vez mais, nos deparamos com um preconceito crescente em todo país, principalmente com relação à etnia negra.

Há quem diga que todos somos da mesma espécie e não nos dividimos em raças, como diz Demétrio Magnoli, autor do texto apresentado. Mas essa ideia é extremamente contraditória à ideia dos “preconceituosos”.

Um assunto muito discutido hoje, é o da lei das cotas para negros no país. Por mais que se queira diminuir o preconceito, “inserindo” o negro na sociedade, esse acaba se tornando ainda maior, fazendo com que essa etnia se sinta ainda mais excluída e incapaz de se integrar e viver normalmente na sociedade hoje.

Demétrio diz que o princípio das cotas para negros negam a igualdade política e social no país, e ele é muito claro e certo ao dizer isso. São diversos os negros que não podiam estudar em uma universidade por causa de sua cor e a abertura dessa cota, mesmo oferecendo oportunida-

des, gera um preconceito ainda maior, tanto dentro das universidades, quanto fora delas.

Os negros deveriam ter o direito de irem, virem e fazerem o que quisessem como qualquer outra pessoa, já que todos nós nascemos livres e iguais e essa é a única “lei” que precisa ser reconhecida, diminuindo a desigualdade.

TEXTO 12:

PRECONCEITO TRANSPARENTE: COTAS

As raças, ou corretamente falando, as etnias humanas, vêm sendo, cada vez mais, divididas em duas partes: etnia branca e etnia negra.

Essa divisão, como diz o doutor em geografia humana da USP, Demétrio Magnoli, “foi inventada pelo racismo”, onde a etnia branca se considera superior à negra.

O governo, para amenizar essa situação, de repartimento entre as raças, criou o plano de cotas para negros em universidades, onde eles têm direito, em pequena porcentagem, a concluir um curso superior.

Porém, essa situação do governo, gera polêmica, pois acredita-se que, agindo assim, tanto o governo como a sociedade, ao invés de diminuir, aumenta o preconceito em relação à cor da pele, já que o governo, com esta lei, insinua que os negros não têm capacidade de entrar em uma universidade pelo próprio esforço.

Além do mais, muitos estudantes, “brancos”, que fizeram uma boa prova nos vestibulares, estão sujeitos a perder seu direito de cursar a universidade para negros submetidos a cotas.

Todavia, isso não é tudo. Enquanto preocupam com o dito direito igual para todos em relação à educação, se esquecem dos investimentos corretos para este setor, que, não só interessam os brancos, mas também os negros.

TEXTO 13:

A BUSCA PELA IGUALDADE

O Brasil é um país plural. Além de abranger diversas culturas, sabores e cores, as “raças” também contagiam o nosso povo.

“Raças”? Falando assim, até parece que o ser humano é uma espécie de objeto de prateleira. Infelizmente, a “raça” é o que impede muitas pessoas de ocupar um lugar na sociedade, e até mesmo de ser feliz.

Em razão disso, foi criada a política de cotas. A respeito dos negros, muitos acham vantajosa essa iniciativa, talvez pela minoria de afro-

ANÁLISE DO DISCURSO II

descendentes que há nas universidades brasileiras. Como diz o próprio Demétrio Magnoli (doutor de geografia humana da USP), “a política de cotas une negros e brancos, esquerda e direita”.

Quem sabe essa não é uma das formas de acabar com o preconceito racial?

TEXTO 14: NEGROS OU BRANCOS?

Atualmente, os jovens negros que querem entrar na universidade, estão perdendo suas vagas devido ao fato de pessoas “brancas” dizerem que são negras.

As cotas para negros foram criadas para reparar as discriminações dos brancos, pois eles sempre falaram que os negros eram inferiores.

Hoje a polêmica é outra, pois a cada ano que passa, os “brancos” estão “roubando” na universidade o lugar que é de direito dos negros.

O governo tentou ajeitar esta situação dizendo que: “A política de cotas se destina a adiar para um futuro incerto os investimentos maciços em saúde, educação e emprego que interessam de fato aos negros e brancos pobres”.

TEMA: REFORMA ORTOGRÁFICA

TEXTO 15: LETRAS

A ortografia brasileira é realmente muito complicada, confusa e exagerada em relação às de outros países, mas é a forma de escrever que estamos acostumados, tem relação com a nossa cultura e costumes, não podemos transformá-la ou até mesmo ignorá-la de uma maneira tão radical.

Em alguns casos, está certo que o método de escrita brasileiro e bastante complexo, mas modificações repentinas podem não ser viáveis, uma vez que podem gerar uma confusão ainda maior, ou até mesmo uma perda de valores culturais.

O autor acha que o ato de melhorar o ensino é justo, facilitando a escrita, reduzindo, abreviando e modificando as palavras.

Essa tática talvez seria válida, mas traria graves consequências para pessoas que já são acostumadas com a atual escrita e muitas modificações para as que ainda vão aprender a escrever.

TEXTO 16:

NOVAS REGRAS: FACILIDADE OU CONFUSÃO?

O português não é complicado. A gramática e suas regras é que são as responsáveis pelas dificuldades que muitos têm com essa língua.

O enunciador do texto acredita que novas regras podem “facilitar as coisas, afinal, o português é difícil demais mesmo”. Mas não é bem assim que as coisas funcionam.

As regras propostas mais confundem do que facilitam. Para conseguir aplicá-las, acaba sendo necessário saber escrever bem antes.

Essa forma de escrever já tem sido utilizada pelos usuários da internet, geralmente num bate-papo entre amigos (que se entendem). Mas transformar isso no português formal já é querer ir longe demais.

A língua portuguesa é mesmo, às vezes, complicada. Mas não é mudando as regras que se resolve esse problema. É buscando entender que se aprende e essa mudança torna-se desnecessária.

TEXTO 17:

A LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa, cada dia que passa é mais discutida. As pessoas estão sempre reclamando que o português é difícil de falar e escrever.

O brasileiro não tem confiança na sua capacidade gramatical e ortográfica.

O autor sugeriu que fosse criado um programa de incentivo ao uso da língua portuguesa, já que é tão difícil, em vez de melhor, ele sugere que facilite as coisas, ou seja, piore. Fazendo o uso indevido da gramática.

Hoje em dia se usam muito isto, em conversas na internet. Os jovens estão abreviando o máximo possível.

A língua portuguesa não é difícil como as pessoas pensam. Não podemos nos deixar influenciar pela linguagem de internet. E sim fazer o uso da linguagem certa.

ANÁLISE DO DISCURSO II

TEXTO 18: APRENDENDO A ISKREVE

O texto faz uma crítica à falta de escolaridade dos brasileiros, ele utiliza formas mais fáceis de serem escritas, mas mais complicadas para se entenderem. Em um trecho do texto o autor afirma o seguinte: “Eis aqui um programa de cinco anos para resolver o problema da falta de autoconfiança do brasileiro na sua capacidade gramatical e ortográfica.” Ele também apresenta uma ironia: “Em vez de melhorar o ensino, vamos facilitar as coisas”.

Na minha opinião, o Brasil deveria melhorar o ensino e as pessoas não deveriam ficar pensando que não conseguem ou não precisam de saber o português correto. O texto usa novas maneiras de escrever as palavras e a falta de pontuação como uma crítica a questão do “melhoramento da língua portuguesa”.

Alguns brasileiros além de não terem ou quererem ter um ensino melhor ainda são muito ignorantes à respeito de seu português, nunca procuram melhorar sua escrita.

TEXTO 19: MUDANÇA NÃO RESOLVE.

A Língua Portuguesa, assim como todas as línguas têm sua origem, originou-se da junção da linguagem lusa e tupi. Desde então, essa nova língua é utilizada em todo o Brasil. Porém, como tudo muda, com a intenção de melhoria e facilidade, também querem mudar a escrita da nossa língua.

Essa suposta mudança ortográfica é bastante criticada, o que podemos observar no texto “Programa de incentivo ao uso da Língua portuguesa”, onde seu autor diz, claramente, que esse problema se origina da falta de autoconfiança do brasileiro na sua capacidade gramatical e ortográfica.

Todavia, essa questão não só aterroriza o autor, mas também a nós estudantes. Isso porque estaremos mudando uma cultura, além de que, essa reforma ortográfica resulta na exclusão daqueles que sabem e entendem todas as regras da Língua Portuguesa.

Contudo, essa ideia de reforma só será resolvida com a melhoria do ensino, e não com a facilitação da língua escrita.

TEXTO 20:

LÍNGUA PORTUGUESA SIMPLIFICA-LA OU NÃO?

O texto fala que algumas pessoas não têm autoconfiança para escrever, pois desconhecem ou apenas confundem as letras das palavras.

O texto fala que devem mudar a ortografia, pois seria mais fácil para aqueles que têm dificuldades em escrever corretamente. Discordo totalmente do texto, pois iria confundir as pessoas que escrevem corretamente e as pessoas que se intitulam “cultas” não entenderiam nada que está escrito. A frase “Olha co ki maravilha!” confirma o que estou dizendo, pois ninguém entenderia que a frase quer dizer “olha só que maravilha!”.

A língua portuguesa deve continuar do jeito que está porque assim todo mundo entende o que está escrito e a pronúncia vai ser melhor.

TEXTO 21:

PREOCUPAÇÃO INÚTIL

O Brasil já está cheio de problemas sociais, econômicos e políticos. E, como que não bastassem esses parâmetros, alguém ainda cria uma discussão na área cultural: a língua portuguesa. Eis aí mais um motivo, que por sinal é desnecessário, para trazer polêmica aos brasileiros.

É claro que a “deficiência” da ortografia portuguesa é vista em algumas situações de comunicação. Por exemplo, as conversas via internet exigem uma escrita rápida e prática. Neste caso, escrever palavras de maneira diferente (substituindo letras) é um fator comum, desde que não seja aplicada em redações e textos acadêmicos.

Agora, imaginem se isso fosse aceito para qualquer tipo de texto, tanto figurado quanto culto. Suponha que haja reforma ortográfica em toda língua: seria benéfico? Sinceramente não. É inútil, o português se tornaria ridículo e o alfabeto, pobre. É como diz o texto “Programa de incentivo ao uso da língua portuguesa”: “Olha ço ki maravilha!”.

“Em vez de melhorar o ensino, vamos facilitar as coisas”, diz o texto. Ou seja: a forma com que se escreve é mais importante do que os problemas na educação, saúde, violência, tráfico de drogas, corrupção política... Já chega! Deixem o português em paz! Daqui a pouco ela perde as regras e vira um dialeto.

Querem facilitar o conhecimento da escrita? Investem na leitura e no estudo da gramática. Esses sim, são melhores componentes do nosso idioma, disponível à massa da população.

ANÁLISE DO DISCURSO II

TEXTO 22:

A REFORMA ORTOGRÁFICA

A língua portuguesa é muito complicada, exige das pessoas uma atenção maior, pois uma vírgula em lugar errado ou uma palavra trocada pode complicar muito.

O Programa de incentivo ao uso da língua portuguesa, diz que: “em vez de melhorar o ensino, vamos facilitar as coisas, afinal, o português é difícil demais mesmo. Para não assustar os poucos que sabem escrever nem deixar mais confusos os que ainda tentam acertar, faremos tudo de forma gradual.”

Muitas pessoas acham que esta é a melhor forma para se facilitar o português, mas na verdade pioraria as coisas, pois essa escrita é muito feia e na maioria das vezes, é um pouco inadequada.

Por mais difícil que seja a língua portuguesa não deveríamos mudar o jeito de escrever, pois nada é fácil, devemos nos dedicar para aprender a escrita formal que é bem melhor do que a nova escrita.

TEXTO 23:

REFORMA ORTOGRÁFICA É A SOLUÇÃO?

Os adolescentes hoje estão querendo simplificar a língua portuguesa, modificando e diminuindo as palavras.

O autor do texto “Programa de incentivo ao uso da língua portuguesa” cita o uso desse “novo” português, e além de criticar todas as modificações e erros das palavras, ele questiona se criar uma nova gramática para encaixar essas novas expressões seria a solução, já que os jovens não estão respeitando o português correto.

Entretanto, esse novo português não facilita, aliás, dificulta bem mais do que as nossas gramáticas, fica mais difícil de se fazer uma leitura e de se pronunciar, além de ficar esteticamente mais feio.

Contudo, podemos dizer que o novo português falado pelos jovens só é correto se for uma linguagem informal, na internet ou em cartas para amigos, mas não é necessário adquirir uma nova gramática, pois seria até uma maneira de perder a nossa cultura assim.

TEXTO 24:

A LÍNGUA PORTUGUESA

Uma das maiores dificuldades dos brasileiros, é escrever correto. O português pra muitos é uma língua muito complicada.

O texto citado sugere um programa pra simplifica-la, no entanto tantas modificações podem prejudicar a compreensão dos textos.

Como o próprio autor nos mostra neste trecho “todu mundu vai is-kreve sempri çertu i çì intentende muito melio [...] Olia ço ki maravilia!” a mudança ortográfica não é a solução.

Como o autor, eu também não concordo que será mais fácil entender o que o outro escreve com as modificações propostas, aliás com nenhuma mudança, quem tem que mudar são as pessoas quem julgam sábias e não dão a mínima pra língua. É hora delas começarem a ler mais e praticarem a escrita, afinal português não é tão difícil assim!

TEXTO 25:

REFORMA ORTOGRÁFICA: PROBLEMA OU SOLUÇÃO?

Com as constantes mudanças ocorrentes tanto na língua culta, quanto na coloquial hoje, há várias discussões a respeito de erros e acertos de acordo com a gramática ou com a língua falada.

Há quem diga, como o autor do texto apresentado, que não deveria haver uma reforma ortográfica na língua, causando tanto abreviaturas quanto desaparecimento de acentos, pontuação e outros erros ortográficos.

O autor acaba fazendo uma crítica enorme ao dizer que as pessoas irão se entender melhor com essas mudanças, sendo que ele próprio escreve “errado” e ironiza essa mudança ao mesmo tempo.

Esse português simplificado acabaria se tornando mais incompreensível, pois nem todos conseguiriam entender essa mudança e o sentido que ela traz e muitos não têm uma afinidade com esse “tipo de português”.

Não é o português culto que é difícil de ser compreendido ou de ser escrito, falta um maior contato com a leitura e com a língua culta, já que a coloquial já está começando a prevalecer definitivamente.